



O cavaleiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial¹

Rogério Martins de Souza²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.

Resumo: Brasil, 1945: O jornalista Maneco Müller escreve para o jornal *Diário Carioca*, influenciado pelo jornalismo norte-americano, a primeira moderna coluna social do país. Estados Unidos, mesmo ano: o colunista Walter Winchell, inventor das *gossip columns* duas décadas antes, é um dos homens mais poderosos do país, temido e invejado por toda a imprensa e sociedade. Através da trajetória destes dois jornalistas, o trabalho pretende analisar o papel do colunismo social na imprensa da época e as transformações sofridas pelo jornalismo nas décadas de 1940 e 1950. Este trabalho faz parte das pesquisas de minha tese de doutorado, que procura estudar as razões e correlações históricas que levaram o jornalismo brasileiro a investir ostensivamente em colunas de notas e como se apresenta hoje a linguagem deste peculiar estilo jornalístico.

Palavras-chave

Colunas sociais; jornalismo; política; sociedade

Introdução

Enquanto a plebe rude na cidade dorme, eu sonho com Jacinto, que também é de Thormes.

Café Soçaite, samba de Miguel Gustavo

Let's fly away and find a land that's so provincial we'll never hear what Walter Winchell might be forced to say

Let's fly away, canção de Cole Porter

¹ Trabalho apresentado ao VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, NP de Jornalismo.

² Rogério Martins de Souza é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre em Comunicação e também especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seus interesses como pesquisador incluem trabalhos dentro da análise do discurso sobre a linguagem jornalística, além de pesquisas voltadas para o cinema, rádio e televisão. Endereço eletrônico: rogerms@uol.com.br



Não era muito animador o cenário dos jornais brasileiros ao fim da Segunda Guerra Mundial. Os jornais de grande circulação eram vespertinos e pouco concentrados no Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, a imprensa de então dependia dos favores do Estado (financiamentos dos bancos oficiais, isenções fiscais e publicidade governamental), dos pequenos anúncios populares ou domésticos e da publicidade das lojas comerciais (Abreu, 2000). O Jornal do Brasil – que realizaria nos anos 1950 uma revolução na estética jornalística – era rotulado ainda pejorativamente como “o jornal das lavadeiras”, por trazer em sua primeira página uma quase totalidade de anúncios. Na política, o governo Getúlio Vargas havia sido deposto pelas Forças Armadas ao final da guerra, e com ele caía o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda – o DIP – que manteve durante anos a grande malha dos jornais sob censura. Enquanto o mundo experimentava novos ares de liberdade, a imprensa brasileira queria respirar e encontrar novos rumos para seguir em frente.

A guerra também não foi um período muito bom para os cronistas sociais. O governo Dutra, que se seguiria a Vargas no poder, logo tratou de definir medidas moralizantes com uma postura agressiva. A maior delas, sem dúvida, foi o fechamento dos cassinos em todo o território nacional, a partir de um decreto-lei assinado em 30 de abril de 1946, que iria proibir o jogo no Brasil. Da noite para o dia, a roleta deixou de girar nos mais de setenta cassinos oficiais, no Rio, em Niterói, Petrópolis e nas estâncias hidrominerais de Minas Gerais e São Paulo. Imediatamente uma infinidade de operadores de roleta, cantores da noite, dançarinas, músicos de orquestras e outros profissionais viram-se sem emprego. Alguns tentaram o suicídio – os cassinos eram grande fonte de renda e movimentavam fortunas. Houve manifestações em frente ao Palácio Laranjeiras para suplicar ao presidente para que voltasse atrás. De nada adiantou¹. Os cassinos, com seus ambientes freqüentados pela fina flor da burguesia brasileira, além de estrangeiros em viagem, eram ponto obrigatório para as rondas dos cronistas sociais em busca de notícias sobre o *grand monde*.

Se no começo do século a frase eternizada por Figueiredo Pimentel – “O Rio civiliza-se” – tornou-se palavra de ordem entre literatos e formadores de opinião, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra o termo poderia ser mudado para “O Rio internacionaliza-se”. Dois fatores levaram o Brasil a ostentar anseios de tornar-se uma nação efetivamente cosmopolita e com algum peso na política internacional: primeiro, a

¹ “Carmen, uma biografia”, capítulo 23, “Dinheiro a rodo”, Ruy Castro.



criação da “política da boa vizinhança” com os Estados Unidos, que trouxe ao Brasil estrelas do cinema como Orson Welles e Walt Disney, enquanto abria espaços para estrelas de nossa música, como Carmem Miranda, brilharem no cinema americano.

Segundo, com a guerra em curso, o Rio passou a abrigar os “exilados do *jet-set*² internacional”, como definiu o cronista Luís Nassif. Banqueiros falidos, judeus ricos em fuga do nazismo, nobres endividados e outros componentes da alta burguesia européia começaram a aportar em terras brasileiras, de 1940 em diante. Um deles, o Barão Von Stucker, em pouco tempo revolucionou a vida noturna carioca criando a boate Vogue (Nassif, 2006). Nassif conta como o barão transformou a boate em referência internacional para os que aportavam no Rio de Janeiro: “Para abrilhantá-la, o Barão foi buscar na Europa duas figuras que se tornaram lendárias: o pianista Sacha Rubin, libanês metido a francês que tocava piano com um copo de uísque do lado e um cigarro invariavelmente estacionado no canto da boca; e o chefe de cozinha Gregoire Belinzanski, russo branco que introduziu três pratos clássicos na cozinha brasileira: o stroganoff, o frango à Kiev e o picadinho a brasileira”. (Nassif, 2006).

A boate Vogue ficava em Copacabana, que desde a construção do hotel Copacabana Palace, tornara-se o centro das badalações notívagas da cidade, e “sonho de consumo” de qualquer brasileiro ou estrangeiro aspirante às altas rodas. Foi no bairro que, em 1923, nasceu Manuel Antonio Bernardes Müller, mais conhecido pelos amigos como Maneco, e mais tarde venerado pela alcunha com que assinaria sua coluna social: Jacinto de Thormes, nome emprestado de um personagem do escritor Eça de Queiroz.

Filho de diplomatas, Maneco era, ele próprio, um grã-fino, como eram rotuladas as pessoas da alta sociedade sobre quem ele um dia ele iria escrever. Seu primeiro emprego seria numa loja de artigos de luxo para homens, a Casa Quincas. Ajudou-lhe a fluência em quatro línguas e o bom relacionamento com os ricos que sua ascendência lhe deixara. Um dia, o jornalista Gustavo Dória, conversando com aquele rapaz culto e bem relacionado, o convidou para escrever o “registro social” do jornal *Folha Carioca*. Era assim que saíam as notícias sobre sociedade no Brasil até a década de 1940 - registros, sob o título “Sociais”, de batizados, casamentos, viagens, jantares etc. Maneco aceitou o cargo. No entanto, logo na primeira crônica, quase foi despedido.

² O termo *jet-set* foi cunhado pelo colunista social Igor Cassini, famoso colunista social que escrevia a coluna *Cholly Knickerbocker*, para descrever um tipo específico e internacional de ricos e famosos que viajavam frequentemente de um país “exótico” a outro via aeroplanos (*jet*).



Primeiro, Maneco se recusou a registrar passivamente o dia a dia da burguesia carioca. Escreveu notas com um estilo de crônica literária, adicionando comentários irônicos sobre seus “personagens”, sem um pingão de deslumbramento, como era comum. Mas o que mais desagradou a alguns membros ali retratados é que o jovem colunista havia quebrado a tradicional “hierarquia” daquela época (Dines, 1955). Explica-se: Maneco ousara retratar lado a lado figuras da burguesia carioca com artistas, políticos, e até pessoas “comuns”, sem vínculo com as altas rodas, mas que lhe pareceram interessantes. A grita foi grande, o que lhe valeu advertências da chefia de redação, mas a repercussão calou a todos. Maneco foi autorizado a prosseguir.

Uma crise política tiraria Maneco da *Folha*, mas, logo, ele estava empregado no *Diário Carioca*, jornal mais relevante que o primeiro e marcado por lutas políticas. Por conta de suas posições, o jornal chegaria a ser empastelado durante a década de 1930, ficando alguns dias sem circular. Quando Maneco chegou ali, trazido pelo jornalista Prudente de Moraes Neto, o jornal respirava dias melhores: havia apoiado a destituição de Vargas e seguia sem crises no novo governo Dutra. Seu time de colaboradores era digno de provocar inveja em outros periódicos:

O "Diário" era meio maluco, mas com uma força tremenda. Só tinha cronista. O secretário de redação era Everardo Guilhon. Eptácio Timbaúba fazia crônica policial. Castelinho, crônica política. Lúcio Rangel, crônica de música. Paulo Mendes Campos e Sérgio Porto eram cronistas - cronistas mesmo. Viniccius fazia crônicas poéticas, assim como Fernando Lobo. Prudente fazia crônicas de turfe, com o pseudônimo de Pedro Dantas e assessoria integral da esposa Inah Novaes, sua prima-irmã, com quem teve uma lua-de-mel que entrou para as lendas boemias da cidade. (Nassif, 2006).

Foi Prudente, que já conhecia o trabalho de Maneco na *Folha Carioca*, que fez o convite: “Você vai ser cronista social”. Ao que o jovem jornalista, petulante na flor de seus 22 anos, retrucou: “É coisa de veado”. Mas aceitou, porque, segundo diria mais tarde, “o salário não era de se jogar fora”. Mas com uma condição: escreveria com um pseudônimo. Prudente de Moraes Neto aceitou, e na hora escolheu o nome que faria de Maneco famoso: Jacinto de Thormes. O jornalista não sabia ainda que o pseudônimo o acompanharia como uma sombra até o fim de sua vida.

Estava começando ali uma nova fase no jornalismo brasileiro. Antes de Maneco havia as “crônicas floridas” dos cronistas sociais (o termo *colunista social* surgiria depois, muito em parte por causa de Maneco, que ainda criaria a expressão “colunável”). Com Maneco, as coisas mudariam: seu personagem Jacinto de Thormes



inaugurava a crônica social com um estilo inconfundível, um misto de ironia, seriedade, esnobismo, fanfarronice e sarcasmo. O novo cronista do *Diário* iria buscar inspiração nas colunas jornalísticas dos Estados Unidos – como a de Elza Maxwell, Nick Boker, Walther Nin e, especialmente, Cholly Knickerbocker³, cronista de Nova York cujo nome verdadeiro era Igor Cassini. Além disso, Maneco também trouxe para o Brasil o estilo das notas “sincopadas”, onde a nota seguinte poderia completar ou não o comentário da anterior. Ao apostar no colunismo social ao estilo norte-americano, Maneco inspirava-se em jornalistas que na América alcançavam enorme prestígio e poder. O mais poderoso deles, ele sabia, chamava-se Walter Winchell.

Winchell e o colunismo: uma ascensão fulminante

Muito antes do termo “celebridade” se tornar moeda corrente em toda a grande imprensa, o jornalista norte-americano Walter Winchell era, ele próprio, uma celebridade. Nos anos 1940, havia uma cadeira cativa em seu nome no Stork Club, um dos mais prestigiados *nightclubs* da cidade de Nova York. No cinema, recebia com frequência convites para aparições em filmes, como ele mesmo, enquanto outros estúdios criavam personagens inspirados em sua persona jornalística. No Cub Room, outro *nightclub* onde a mesa estava sempre à sua disposição, fora criado em sua homenagem um hambúrguer especial, chamado *Winchellburger*.

Tanta bajulação explicava-se por um único e simples motivo: Winchell era considerado por toda a imprensa como um dos homens mais poderosos da América. Ninguém em sã consciência queria criar problemas com aquele homem que, quase vinte anos antes, em seus primeiros anos na imprensa, criara as famosas *gossip columns*, hoje conhecidas como colunas de fofocas, um gênero que depois faria o sucesso de centenas de publicações sobre o cotidiano dos ricos e famosos.

Walter Winchell nasceu em Nova York no ano de 1897, filho de imigrantes judeus. Ao contrário de Maneco Muller, Winchell nasceu pobre e assim passou grande parte de sua juventude. Ainda adolescente, trabalhou como ator nos teatros ao estilo *vaudeville* na parte mais pobre de Manhattan. Seu primeiro trabalho, antes de profissionalizar-se, consistia em escrever fofocas dos bastidores das peças nas quais

³ O nome “Cholly Knickerbocker” também se referia a um personagem literário, este do americano Washington Irving. Era comum nos Estados Unidos e Europa a utilização de personagens da literatura para nomearem suas colunas, tradição que foi copiada pelo jornalismo brasileiro, como no caso de Jacinto de Thormes e também da “Coluna do Swann”, no jornal *O Globo*, inspirado em Proust, entre inúmeros outros.



atuava, que saíam nos boletins informativos da área teatral. Na década de 1920, ao tornar-se jornalista profissional, Winchell sabia exatamente o que queria fazer: uma coluna de fofocas sobre os ricos e famosos da época. Nasceram ali as *gossip columns*.

Até então, as colunas existentes nos Estados Unidos eram muito próximas àquelas intituladas no Brasil como “Sociais”, ou seja, relatos “floridos” (sem atacar ninguém) sobre personagens da alta sociedade, avisos de casamentos, recepções, festas, noivados etc. Também já existiam alguns tipos de “colunas de fofocas”, mas sempre num tom bajulador quanto às pessoas retratadas – os colunistas tinham medo de se indispor com os ricos de então. O que Winchell trouxe de novo? Basicamente, ele modificou a coluna sobre sociedade, publicando pequenas notas sobre a vida privada, e acrescentando aqui e ali um ponto de vista debochado e sarcástico sobre pessoas famosas. Além disso, misturou tudo com escândalos típicos da imprensa sensacionalista, informações não-oficiais sobre mulheres grávidas, divórcios e especulações, rumores e boatos que divertiam seus leitores.

Winchell foi o primeiro jornalista a romper o tabu existente até então, que se recusava a expor a vida privada de pessoas públicas, deixando permanentemente alteradas as relações entre jornalismo e celebridade⁴. A escritora e jornalista Jeannette Walls explica o impacto que foi a entrada em cena da coluna jornalística de Winchell, no jornal *New York Evening Graphic*:

Quando a coluna de Winchell apareceu primeiramente em 1920 no diário *New York Evening Graphic*, editores de jornais concorrentes viram o que ela fizera pela circulação do periódico e rapidamente trataram de providenciar suas próprias *gossip columns*. Logo, a maior parte dos jornais no país continha pelo menos uma coluna de fofocas e muitos traziam quatro ou mais. Entre as décadas de 1930 e 1940, estas colunas eram parte integral dos jornais, e os colunistas sociais eram amados e mesmo respeitados pelo público. Ao fim da década de 1940, Winchell alcançou um número estimado de noventa por cento do público americano, entre suas colunas e espetáculos de rádio; e era considerado, fora da política ou religião, o mais poderoso homem da América. (Walls, 2000, tradução nossa).

A fórmula criada por Winchell seria utilizada com sucesso por Hollywood, quando nas décadas de 1930 e 1940, conhecida como a “era de ouro” dos estúdios, produtores cinematográficos seduziram colunistas sociais com a intenção de garantir maior publicidade para seus filmes e elencos. A máquina publicitária dos estúdios

⁴ Não obstante o deslumbramento e o tom bajulador dos primeiros cronistas sociais, a separação entre vida pública e privada era ainda uma influência do jornalismo europeu, principalmente o francês, que se recusava a levar a público notas sobre a vida privada de seus governantes. Nos Estados Unidos, Winchell romperia com essa prática.



mantinha sob estreita vigilância suas principais estrelas, chegando a controlar grande parte de suas vidas pessoais. Atores homossexuais de repente eram vistos em público com atrizes belíssimas (de quem viravam “namorados”), atrizes e atores com passado obscuro (passagens por reformatórios, abortos, histórico de drogas e alcoolismo) eram brindados com uma nova biografia, mais “respeitável”. O público lia estes relatos dos astros do cinema com avidez - e acreditava - nas colunas de Louella Parsons e Hedda Hopper, as duas colunistas mais famosas de Hollywood. E os colunistas que eram parte do esquema sabiam ser gratos: quando Orson Welles filmou *Cidadão Kane*, em 1939, inspirado no magnata dos meios de comunicação William Randolph Hearst, sofreu uma agressiva campanha contra o lançamento do filme⁵.

O colunismo, assim, começa a se fortalecer quando a mídia impressa atinge o nível de comunicação de massa. Como observou Anamaria Kovács, a coluna social tem, à princípio, uma dupla função: colocar em evidência os personagens-paradigmas, ou seja, os “olimpianos” (conforme a definição de Edgar Morin) e, em segundo lugar, promover através destes personagens – artistas do cinema e do rádio, atletas famosos, políticos, entre outros – todo um setor da indústria de consumo e lazer, desde perfume até empresas aéreas (Kovács, 1975). Uma outra vertente seria adicionada a essas, relacionada ao lado psicológico, a qual seria responsável em grande parte pelo sucesso das colunas: a projeção-identificação dos leitores com os personagens, algo também fartamente utilizado nos folhetins, depois no cinema e mais tarde nas novelas da TV.

Winchell sabia disso, e estava perfeitamente ciente do poder de fogo de uma coluna bem escrita. O jornalista morava em Nova York, distante das pressões dos grandes estúdios, e sua coluna, embora eventualmente trouxesse informações sobre o mundo do cinema, não fazia o jogo imposto pelos produtores cinematográficos. A ele interessavam as notícias dos poderosos de sua cidade, não só os ricos e famosos, mas também o mundo da política e seu jogo de interesses. Winchell era temido porque sua coluna poderia facilmente manipular a opinião pública a favor ou contra pessoas famosas, alavancando ou derrubando reputações antes tidas como ilibadas. O colunista não se abstraía de comentar a cena política, com notícias que colhia nos lugares que freqüentava, como o Stork Club e outros redutos do chamado *Café Society*. Tudo isso só

⁵ “The battle over Citizen Kane”, documentário produzido em 1996, WGBH Educational Foundation. O filme mostra como Louella Parsons, que escrevia para jornais de Hearst, tentou impedir o lançamento comercial do filme de Orson Welles.

aumentava a fama e o poder dos colunistas sindicalizados, o que levaria, no caso de Winchell, a um culto à personalidade em torno de sua figura.

O termo *café society*, é claro, também foi criado por um colunista social⁶. Trata-se de um termo anterior a *jet-set* e referia-se um determinado segmento burguês composto de ricos, políticos e pessoas ligadas à indústria do entretenimento que reuniam-se em casas noturnas das grandes cidades, onde seus membros compartilhavam o poder e trocavam segredos (Walls, 2000). Um grupo específico e perigoso também marcava presença, os *gangsters*, que durante o período conhecido como *Prohibition* - a lei seca, que levou à proibição da venda de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos – abasteceram sigilosamente os *nightclubs* onde o *café society* se reunia. Winchell conhecia grande parte deles. Era amigo íntimo de Owney Madden, o gangster mais poderoso da época da lei seca. Com o fim da lei seca e o desenvolvimento do fotojornalismo, o *café society* se expandiu, e o público foi brindado nas colunas sociais com imagens de membros daquele clube fechado com seus respectivos pares na noite.

Enquanto os colunistas sociais eram respeitados e adquiriam um prestígio e poder difícil de igualar, os demais jornalistas eram obrigados a se ater aos fatos, em busca da objetividade. A era da “guerra” entre os jornais sensacionalistas de Pulitzer e Hearst havia acabado – muito em parte por seus excessos e às pressões da burguesia (Gabler, 1999). A grande imprensa, agora também uma grande indústria, queria aumentar seu prestígio e credibilidade. Vem daí a imposição nos Estados Unidos das regras de estilo jornalístico, como o lide e a pirâmide invertida.

Naquela década, um jornalista brasileiro, em visita aos Estados Unidos, tomaria contato com essas técnicas e as levaria depois para o Brasil. Seu nome era Pompeu de Souza, chefe de redação do *Diário Carioca*.

O “movimento contrário” dos colunas sociais no Brasil

Enquanto nos Estados Unidos, o jornalismo se solidificava como uma grande empresa de comunicação, o cenário brasileiro em fins dos anos 1940, ainda com altos graus de analfabetismo, estava muito atrás. O rádio e a imprensa detinham o monopólio da informação. A televisão, hoje a mídia mais poderosa, seria inaugurada em 1950, mas

⁶ No caso, a colunista Maury Paul, antecessora de Igor Cassini na coluna Cholly Knickerbocker do *New York Journal American*.



somente em meados da década de 1960 atingiria o status de mídia de massa. Se nos Estados Unidos havia grandes tiragens de costa a costa, no Brasil os jornais de grande circulação eram poucos, concentrados no Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Abreu, os incipientes sistemas de comunicações, as deficiências dos correios e as precárias condições das redes e meios de transportes eram fatores que impediam a expansão rápida da comunicação por todo o território nacional (Abreu, 2002).

Quando Pompeu de Souza retornou ao Brasil, o jornalismo nacional ainda estava preso a uma linguagem empolada e pseudo-erudita. O jornalismo de combate e opinião convivia com o jornal popular, centrado no *fait-divers* – o fato insólito ou extraordinário envolvendo situações do cotidiano, como crimes, acidentes etc. -, além da crônica e do folhetim. A política era apresentada com uma linguagem pouco objetiva, com a maioria dos jornais se situando a favor ou contra o governo, uma herança do jornalismo político do século XIX. Esse jornalismo de influência francesa acabaria sendo substituído pelo modelo norte-americano, ou seja, um jornal que privilegia a informação e a notícia.

A reforma de redação do *Diário Carioca* teria como principais características o uso do lide, o que tornou obrigatório aos jornalistas iniciar o primeiro parágrafo com o fato principal ou o mais importante de uma série, respondendo o maior número de perguntas relativas ao acontecimento: *o quê?, quem?, onde?, como?, quando? e por quê?*. Além disso, Pompeu queria a incorporação progressiva de usos propostos na literatura, para aproximar a escrita da fala corrente (Cad.de Comunicação nº 9, 2003).

Os jornalistas veteranos reagiram mal às mudanças. Muitos ficaram indignados. Pompeu era acusado de estar deformando o jornalismo e a língua, acabar com o verbo, suprimir os artigos. Porém, não havia como escapar das novas mudanças. Os jornalistas tiveram de se adaptar e quem não aceitava, era trocado por um “foca” escolhido por Pompeu de Souza. Aos poucos, os editoriais foram sendo transferidos para dentro dos jornais - a ordem agora era privilegiar a reportagem e a informação nas primeiras páginas.

Apenas uma categoria de jornalistas não sofreu com as novas técnicas de redação. Eram os cronistas sociais, que agora, no começo da década de 1950, tais como seus colegas americanos, gozavam de imenso prestígio junto aos leitores. Segundo Ana Paula Goulart, durante estes anos o colunismo social representou um verdadeiro movimento contrário frente às novas técnicas de padronização e impessoalização do texto noticioso, calcadas na objetividade, que buscava a construção do anonimato do



redator. Nas colunas, o espaço enunciativo produzia efeito inverso, favorecendo a subjetividade e fortalecendo o nome de seus titulares.

Segundo Kovács, a coluna social possui uma função recreativa, psicoterapêutica, uma tendência a relaxar as tensões e frustrações do homem na sociedade moderna. O texto da coluna social se situa num ambiente de realidade/irrealidade, combinando os personagens-paradigmas (hoje diríamos “celebridades”) com as ações-sintagmas e levando o leitor, através desta combinação e deste ambiente, a compensar as frustrações da vida real e identificar-se com estes personagens, tanto ao nível do imaginário quanto ao nível do real. No primeiro plano, a projeção leva a um relaxamento das tensões e frustrações da vida real; enquanto, no segundo, a identificação incorre no consumo de produtos industriais e à imitação de comportamentos, moda, linguagem dos personagens-paradigmas (Kovács, 1975). Para Stoetzel, a publicação de fotos informais dos poucos agraciados ali presentes, as anedotas e revelações íntimas presentes nas colunas sociais reconstituem, por substituição, um equivalente das relações primárias. O leitor conhece ou pensa conhecer os homens e mulheres do dia, como se tivesse sido admitido na sua roda (Stoetzel, apud Kovács, 1975).

Para esta imitação de comportamentos obter sucesso, era preciso um contexto favorável, e este chegou na década de 1950. Com o impulso desenvolvimentista aplicado durante o governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil passa por um período de modernização. Havia agora todo um mundo festivo, de recepções, coquetéis, bailes e afins para noticiar. Foi o apogeu das colunas sociais no Brasil, um prestígio que começara, em grande parte, pelo sucesso da coluna de Jacinto de Thormes.

A grande inovação da coluna escrita por Maneco Muller era o próprio personagem que o acompanharia, a partir de então, pelo resto da vida. Aos olhos do público, Jacinto de Thormes era um homem sofisticado, que aparecia fumando um imponente cachimbo, com ares de lorde inglês, como mostravam as ilustrações e as “fotos oficiais” que ornamentavam sua coluna. Anos depois, ao ser perguntado em entrevista se considerava o seu papel na imprensa importante, Maneco diria que sim, justamente por “não ter se levado a sério”. Isso não o impediu, no entanto, de recheiar suas colunas com informações sobre política, economia, comportamento e até futebol, criando uma fórmula que seria seguida até hoje. “O personagem era uma maneira de me defender, porque o que eu queria era ser escritor. O Rio de Janeiro era capital da República. Comecei a freqüentar o Senado e a Câmara dos Deputados, os homens de negócio. Passei a incluir esse mundo dentro das brincadeiras, as coisas mais suaves que

eu fazia na coluna.” (Moraes Neto, 2004). O público notou que havia algo diferente na coluna social. Em poucos meses Jacinto de Thormes se tornou um personagem do Rio de Janeiro, apontado, citado, comentado.

Segundo Maneco, quando Prudente de Moraes o convidou para escrever a coluna social, “era tudo muito francês – *tout em bleu, tout em rouge*. Eu achava aquilo uma frescura, mas como precisava ganhar dinheiro, não pude recusar”. O personagem Jacinto de Thormes que se destacaria nas colunas escritas por Maneco Muller podia não morar em Paris, como Eça de Queiroz, mas não deixava de constituir numa figura algo exótica e sofisticada (à sua maneira):

(Jacinto de Thormes) confessava-se usuário de um pijama listrado que ficou famoso - sinal de que cultuava a elegância até na hora de dormir. Pronunciava nomes estrangeiros com sotaque britânico. Tinha um cão chamado William Shakespeare Júnior, personagem (real) de suas andanças. O cão chegou a merecer foto de página inteira numa revista de moda, em que aparecia usando um boné que caíria bem numa partida de críquete numa tarde de verão nos arredores de Wimbledon. O fato de criar uma celebridade canina dá a dimensão do poder de fogo de Jacinto de Thormes (Moraes Neto, 2004).

Em meados da década de 1950, a fama de Jacinto de Thormes estava no auge. Quando, no final de 1953, *O Cruzeiro*, então a maior revista semanal do país, começou a mudar sua linha editorial, reforçando a coluna da alta sociedade, o maior símbolo das mudanças foi a contratação do colunista para suas páginas. Segundo Luiz Maklouf Carvalho, a chegada de Maneco era uma resposta da revista ao crescimento da concorrente *Manchete*, na qual o jornalismo também pontificava, ao lado da excelência gráfica, aspecto no qual *O Cruzeiro* ficava muito atrás (Carvalho, 2001). A reportagem perdeu espaço, e parte dos repórteres da revista - assim como os jornalistas do *Diário Carioca* à época da introdução das técnicas de reportagem -, não gostou. Mas o prestígio de Maneco era então inabalável. Jacinto de Thormes debutou no *Cruzeiro* em matéria de gala, com seu pijama de listras, ao lado de seu cachorro William Shakespeare Junior (ou apenas Willie). Logo estaria apresentando a famosa lista das dez mais elegantes, um sucesso absoluto que lançara no *Diário Carioca*. E em cores!

Através da coluna de Jacinto de Thormes, pode-se constatar como a esfera pública do Brasil havia mudado no começo da segunda metade do século XX. Velhos jornalistas, acostumados a lançarem manifestos políticos nas páginas da grande imprensa, agora viam seu público preferir o mundanismo das colunas sociais e suas notícias sobre os ricos e famosos. “A lista das dez mais elegantes era coisa americana,

mas as listas americanas não tinham a dimensão que estas ganharam aqui no Brasil. Quando eu saía, as pessoas me paravam na rua para discutir a lista” (Moraes Neto, 2004). Em 1955, Maneco possuía um programa na Rádio Mayrink Veiga, onde entrevistava praticamente quem quisesse; escrevia uma coluna sobre futebol no *Jornal dos Sports*; uma coluna sobre sociedade para um jornal de São Paulo e estava em negociações para apresentar em breve um programa de TV (Dines, 1955).

Embora constituíssem a matéria-prima de suas colunas, Maneco não tinha muita paciência para os ricos e deslumbrados que, por dever de ofício, era obrigado a conviver na pele de Jacinto de Thormes, em ambientes como o Country, em Ipanema, as boates e o Copacabana Palace. Era um homem que cultuava a elegância e cultura, e quando descrevia uma festa, dizia o essencial e resumia as roupas, as jóias e o bufê numa única frase, “Depois eu conto” – que acabava não contando. Esta frase, entre outros bordões, como classificar sempre os personagens da coluna como gente devidamente “bem”, ou a mania de realçar os sobrenomes dos colunáveis – “Jorginho, que também é Guinle” -, foi a centelha de um estilo copiado por diversos colunistas em todo o Brasil.

Decadência e ostracismo: o cavalheiro e o canalha

Na entrevista que concedeu ao jornalista Geneton Moraes Neto, pouco antes de morrer, Maneco Muller confirmou a influência das colunas sociais americanas sobre seu estilo, que acabaria mudando a face da imprensa brasileira. E comparou o colunismo brasileiro com o norte-americano.

Eu lia sobretudo o New York Times e o Washington Post e – de vez em quando – os jornais de Los Angeles, porque traziam a cobertura de cinema. As colunas que me influenciaram eram publicadas por esses jornais. Mas eu não podia fazer igual. Tinha de adaptar. Porque nos Estados Unidos havia colunistas que tinham um poder terrível: derrubavam fábricas, derrubavam shows, derrubavam pessoas. Aqui, fiz então a brincadeira de inventar o Jacinto de Thormes. Devo dizer que o Rio de Janeiro tinha uma personalidade. Se estivessem no Rio, aqueles colunistas não escreveriam como escreviam nos Estados Unidos. O Rio era uma das cidades mais divertidas do mundo. A cidade tinha, além da praia, os cassinos, os grandes shows e um lado que faço questão de citar: a cultura. Basta lembrar que, quando Getúlio Vargas convidou Gustavo Capanema para ser ministro da Educação e Cultura, Capanema simplesmente pediu a Carlos Drummond de Andrade que fosse chefe de gabinete. O Modernismo – que foi paulista - veio explodir no Rio. Todos os grandes escritores, os Portinari, os Villa-Lobos, não apenas atuavam no Rio: a gente convivia com eles. É a diferença. Não era o intelectual lá e o social aqui. Evidentemente, havia na sociedade coisas fúteis. Mas eles participavam das revistas, havia o costume de todos irem ao Municipal para ver balé, assistir a ópera”. (Moraes Neto, 2004).



Entre os colonistas americanos poderosos o suficiente para derrubar adversários estava Walter Winchell. Com a Segunda Guerra em curso, o presidente Roosevelt teve um encontro com Winchell na Casa Branca, onde o colonista foi estimulado a atacar o nazismo, que àquela altura começava a preocupar seriamente as forças aliadas. Então, ao final dos anos 1930, o judeu Walter Winchell tornou-se o primeiro colonista conhecido nacionalmente a criticar Adolf Hitler e o nazismo, num tempo em que organizações pró-fascistas e pró-nazistas faziam barulho na América, como a *German-American Bund*. Nesta época, Winchell era visto por analistas como um jornalista de tendências esquerdistas, que apoiava o trabalhismo e o partido democrata.

A situação mudaria no decorrer da Segunda Guerra Mundial, quando Winchell começa a atacar duramente o comunismo. Ao final do conflito, mostrava-se simpático a organizações conservadoras ligadas à direita. Quando queria atacar algum político ou desafeto, tachava-o em sua coluna de simpatizante do comunismo.

Na década de 1950, ainda um colonista bastante influente, Winchell apoiou as atividades do senador Joseph McCarthy, que, a pretexto de combater o comunismo e o “anti-americanismo”, deu início a um período de perseguição política a artistas, funcionários do governo, jornalistas, políticos etc. Centenas de cidadãos foram levados para interrogatório na Suprema Corte americana, onde eram submetidos a táticas agressivas de intimidação pelos homens de McCarthy. Quando o governo julgou inconstitucionais muitas das táticas usadas pelo senador, grande parte dos acusados já tivera a carreira destruída. No momento em que este período, conhecido hoje como macartismo, começou a ruir, Winchell também começou a perder sua credibilidade. Ele nunca mais desfrutaria de seu poder – o outrora “homem mais poderoso da América” começava ali sua decadência irreversível.

Enquanto isso, no Brasil dos anos 1950, Jacinto de Thormes continuava ele próprio uma celebridade. Em todo o país proliferavam colonistas sociais, imitadores do estilo inventado por Maneco Muller. Atuando em *O Cruzeiro*, Maneco não se restringiu à alta sociedade. Enviado aos Estados Unidos, conheceu e entrevistou figuras célebres como Truman Capote, Tennessee Williams e Salvador Dalí. No entanto, no começo da década de 1960, Maneco achou que a elegância não estava mais presente nas festas em que comparecia e tomou uma decisão drástica: decidiu abandonar os grandes salões que por quase duas décadas foram seu território. O colonista, que sob a frase gaiata “depois eu conto”, se desobrigava de contar detalhes dos canapés servidos e vestidos perfilados nas recepções da alta sociedade, achou que já era hora de se retirar daquele mundo.



Então, em 1962, ainda no auge, Maneco Muller abandona o colunismo social e vai para a *Última Hora*, jornal de Samuel Wainer. Jacinto de Thormes havia se transformado em cronista esportivo. E nunca mais atuaria como colunista social.

Quanto a Winchell, o público que lhe rendera tanta atenção no passado parecia tê-lo esquecido. Em 1960, tentou voltar à televisão, mas a nova tentativa demonstrou ser um fracasso. Os leitores de sua coluna nos jornais diminuía a cada dia, ao passo que suas notas sobre sociedade e políticos, antes explosivas, não repercutiam mais. Quando, em 1963, o *New York Daily Mirror*, jornal que o acolhera por 34 anos, fechou suas portas, Winchell estava esquecido pela opinião pública. O último trabalho do jornalista a merecer algum crédito foi seu papel como narrador da série televisiva *Os intocáveis*.

Fora da mídia, Winchell viu-se solitário e quase sem amigos. Por grande parte de sua carreira, o contrato que assinava com jornais e rádios tinha uma cláusula que obrigava seus contratantes a reembolsá-lo por quaisquer danos ou perda judicial que o colunista obtivesse, ainda que fosse processado por calúnia ou difamação. Quando alertavam-no pelos problemas que carregaria em invadir a vida privada de seus acusados, ele respondia, “Você sabe, eu sou mesmo um canalha”. Nos últimos anos, Winchell manteve-se recluso em um hotel de Los Angeles. Estava triste. Segundo Larry King, o jornalista hoje famoso que o substituiu no jornal *Miami Herald*, Winchell passou seus últimos dias mimeografando cópias de sua coluna e entregando-as pelo corredor do hotel a quem passasse. Em 1972, quando morreu, aos 74 anos, apenas uma pessoa – sua filha - compareceu ao enterro.

Maneco Muller também seria aos poucos esquecido, mas foi um ostracismo articulado pelo próprio. Depois de alguns anos atuando como comentarista esportivo, o jornalista achou que era hora de aposentar o personagem Jacinto de Thormes, que o acompanhara por toda a carreira, e então largou os jornais. Maneco passou seus últimos anos retirado, isolado do convívio com a sociedade da qual retratara e lhe dera a fama. Morava na casa de sua ex-mulher e grande amiga, Gilda, e saía pouquíssimo, apenas em ocasiões especiais. Quando morreu, em 2005, aos 82 anos, não mereceu grandes obituários por parte da imprensa. O escritor Ignácio de Loyola Brandão, de quem era amigo, um dos poucos a relembra-lo à época de seu falecimento⁷, contou da admiração que sua mulher teve ao conhecer o jornalista: “um ser raro dos dias de hoje, educado,

⁷ “Saudades de Maneco Muller”, *O Estado de São Paulo*, 16 de dezembro de 2005.



cortês e cavalheiro, coisas que desapareceram”. Jacinto de Thormes, pelo visto, nunca abandonara Maneco.

As novas gerações não conhecem Maneco Muller. Tampouco Walter Winchell. O legado dos dois jornalistas, porém, está presente no jornalismo atual. Ao investirem nas notas sobre ricos e famosos, os dois colunistas ascenderam à fama, estiveram próximos ao poder e experimentaram o ostracismo. Winchell, ao criar as colunas de fofocas nos Estados Unidos da década de 1920, e Maneco, ao revolucionar as colunas sociais no Brasil dos anos 1940, foram responsáveis por mudanças jornalísticas que até hoje perduram. A cultura das celebridades, as colunas de notas, o rompimento das fronteiras entre o público e o privado – devem muito a estes dois jornalistas.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Alzira Alves. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- CASTRO, Ruy. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Diário Carioca: O máximo de jornal no mínimo de espaço*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos de Comunicação, Série Memória, Vol. 9)
- GABLER, Neal. *Vida – O filme: Como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Winchell: Gossip, Power and the Culture of Celebrity*. New York: Alfred A. Knopf, 1994.
- GONTIJO, Silvana. *O Mundo em Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2003.
- KOVÁCS, Anamaria. *Coluna Social: Linguagem e Montagem*. Dissertação de mestrado apresentada à Coordenação da Pós-Graduação da ECO/UFRJ, 1975.
- MORAES NETO, Geneton. *O dia em que o criador do moderno colunismo social enganou a rainha da Inglaterra no Maracanã!* Entrevista com Manuel (Maneco) Bernardez Müller. Disponível no site do jornalista Geneton Moraes Neto, Geneton.com.Br., 2004.
- NASSIF, Luís. *O cronista do Rio*. Disponível no site www.lainsignia.org/2006.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de doutorado. ECO/UFRJ, 2000.
- WALLS, Jeannette. *Dish: How gossip became the news and the news became just another show*. Nova York: Perennial Books, 2003.